

COLÓQUIO INTERNACIONAL A TEORIA DA LITERATURA NO BRASIL

Sala do Instituto de
Estudos Brasileiros
da FLUC

6 e 7 de junho de 2023



Introduzida na universidade brasileira por Afrânio Coutinho nos anos 50 e afirmada com o estruturalismo nos anos 60 e 70, o panorama da Teoria da Literatura no Brasil é hoje marcado por uma notória pluralidade de orientações. Este encontro acadêmico tentará traçar o panorama da disciplina, interrogando o seu sentido hoje.

INSTITUTO
DE ESTUDOS
BRASILEIROS



Centro de
Literatura
Portuguesa



Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



REPÚBLICA
PORTUGUESA

Este colóquio é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/00759/2020.

DEPARTAMENTO DE
LÍNGUAS, LITERATURAS
E CULTURAS

1 2 9 0



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

www.uc.pt/fluc/deplc



www.uc.pt/iii/ciec



www.feaa.pt



www.unicamp.br

**“mas a verdade
mais abstrata
é a mais prática”**

**“Emersoniana”,
António Franco Alexandre**

A Teoria da Literatura no Brasil

A introdução da disciplina da Teoria da Literatura no Brasil remonta, como é sabido, à década de 1950, quando Afrânio Coutinho, ex-aluno de René Wellek, propôs a sua criação na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade do Estado de Guanabara, depois designada Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Entendida então como disciplina propedêutica ao estudo da “Ciência da Literatura”, tal concepção viria a conflitar com outra, que passou a dominar a disciplina ao longo dos anos 60 e 70, anos da sua expansão curricular, para a qual a Teoria da Literatura seria antes, nas palavras de Luiz Costa Lima em 1975, a “*suma dos estudos literários*”, concepção que viria a coincidir com o apogeu do estruturalismo na universidade brasileira. O triunfo desta segunda concepção, que se prolonga pela década de 80, acusará, contudo, desde cedo, um processo de desagregação induzido pelas várias correntes pós-estruturalistas, sendo a mais vincada a Desconstrução, a que se seguirão os efeitos (des)concertados do Feminismo e dos Queer Studies, bem como dos Estudos Culturais, culminando quer nas querelas identitárias em torno do cânone, quer na desvalorização do capital cultural da literatura.

Este processo viveu no Brasil paredes meias com formas de pensamento teórico que, provenientes de outras áreas do estudo da literatura – em particular, a orientação sociológica do trabalho de Antonio Candido, com as noções de “sistema”, na *Formação da Literatura Brasileira*, e de “estrutura”, posteriormente – neutralizaram sem problemas aparentes o conflito novecentista entre Teoria e História da Literatura, o que permitiu relançar, por mais algumas décadas, as condições de possibilidade da narração da História da Literatura Brasileira, muitas vezes em versão comparatista.

Não surpreende, pois, que o texto introdutório ao número 28.2 (2008) da revista *Remate de Males*, Revista do Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, cujo dossiê é dedicado à “Teoria Literária Hoje”, abra deste modo:

A teoria literária, hoje, é um campo tão instigante quanto confuso. Do ponto de vista institucional, a variedade entre os departamentos e programas de pós no Brasil é imensa, e de forma alguma projeta uma imagem homogênea do que seria essa subdisciplina dos estudos literários. Em alguns lugares, aquilo que se chama teoria literária é na realidade literatura comparada, enquanto em outros o nome de estudos culturais talvez fosse mais apropriado. Porém, essa falta de clareza pertence ao próprio objeto definidor da área. Por um lado, a teoria muitas vezes oferece interpretações inovadoras, e sua complexidade conceitual revela sentidos muito além das limitações do senso comum; por outro, os discursos teóricos parecem autonomizar-se, deixando a literatura em um segundo plano.
(Fabio Akcelrud Durão, Jefferson Cano, Alexandre Soares Carneiro)

É este panorama “tão instigante quanto confuso” que o colóquio “A Teoria da Literatura no Brasil”, uma organização conjunta do Instituto de Estudos Brasileiros da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e do Centro de Literatura Portuguesa (unidade de I&D da FCT com sede na FLUC), deseja interrogar, recorrendo para tal a nomes consagrados do Brasil, Portugal e, eventualmente, de outros países. O colóquio terá lugar nos dias 6 e 7 de junho de 2023 na sala do IEB da FLUC e contará com o seguinte temário:

1. História curricular e situação institucional da Teoria da Literatura no Brasil.
2. O diálogo interdisciplinar: filosofia, antropologia, linguística, psicanálise.
3. Relações da Teoria da Literatura com outras disciplinas dos estudos literários: a Crítica, a História, a Literatura Comparada.
4. Sucessos e fracassos da Teoria da Literatura no ensino e pesquisa da literatura no Brasil.
5. As grandes figuras e o *corpus* local da Teoria da Literatura.
6. A teorização num país periférico.

Comissão Organizadora

Oswaldo Manuel Silvestre

Universidade de Coimbra

Alberto Sismondini

Universidade de Coimbra

Bárbara Soeiro

Estudante de Doutoramento em Literatura de Língua Portuguesa, FLUC

Keissy Carvelli

Estudante de Doutoramento em cotutela UNESP-Assis e Universidade de Coimbra

Luiza Brugni

Estudante de Doutoramento em Literatura de Língua Portuguesa, FLUC

Comissão Científica

Fabio Akcelrud Durão

UNICAMP

Alva Martínez Teixeira

Universidade de Lisboa

Carlos Reis

Universidade de Coimbra

Pedro Serra

Universidade de Salamanca

INSTITUTO
DE ESTUDOS
BRASILEIROS



CLP
Centro de
Literatura
Portuguesa

fct

Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

REPÚBLICA
PORTUGUESA

Este colóquio é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/00759/2020.

Apoios:

DEPARTAMENTO DE
LÍNGUAS, LITERATURAS
E CULTURAS

1 2



9 0

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



FUNDAÇÃO
ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA



www.uc.pt/fluc/depllc

www.uc.pt/iii/ciec

www.feaa.pt

www.unicamp.br

Programa

Programa

Terça-feira, 06 de junho de 2023,
Sala do Instituto de Estudos Brasileiros

09:30	Abertura
10:00	Fabio Akcelrud Durão: "Três Ideias sobre a Teoria Literária no Brasil"
10:40	Matheus de Brito: "Formação da Literatura Brasileira numa outra chave"
11:40	Pausa para café
12:00	Marcos Natali: "Poética e erótica da discórdia na teoria literária brasileira"
13:15	Almoço
15:00	Nabil Araújo: "A questão da teoria/A teoria em questão (Diálogos com Luiz Costa Lima)"
15:40	Oswaldo Manuel Silvestre: "Teoria, filosofia ou subprodutos? Uma indagação metateórica da obra de Luiz Costa Lima"
16:40	Pausa para café
17:00	Alva Martínez Teixeira: "A importância da palavra do meio: Arte e Literatura no Brasil"

Quarta-feira, 07 de junho de 2023,
Sala do Instituto de Estudos Brasileiros

09:30	Carlos Reis: "Antonio Candido: uma teoria implícita do romance"
10:10	André Corrêa de Sá: "A teoria literária no Brasil: Freyre, Brasília, Lula"
11:10	Pausa para café
11:30	Ricardo Namora: "Bonecas russas no Pará: a hermenêutica segundo Benedito Nunes"
12:45	Almoço
15:00	Joana Matos Frias: "A teoria na prática"
15:40	Pedro Serra: "Lo sobrio y lo ebrio. Estructuralismo y surrealismo con José Guilherme Merquior"
16:40	Pausa para café
17:00	João César de Castro Rocha: "Tinha o livro no meio do caminho: a materialidade da teoria da literatura"
18:00	Encerramento

Resumos

Terça-feira, 6 de junho de 2023

Três Ideias sobre a Teoria Literária no Brasil

Fabio Akcelrud Durão

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Esta apresentação procura caracterizar a teoria literária no Brasil a partir de três eixos: uma análise da teoria como formação discursiva semi-autônoma; a hipótese de uma simbiose entre a configuração institucional da universidade pública no Brasil e o espírito da teoria; e a tentativa de identificar o espaço social de efetivação da teoria.

Formação da Literatura Brasileira numa outra chave

Matheus de Brito

Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)

Nossa comunicação revisita a polêmicas à volta da literatura colonial como útil ponto de acesso às questões teóricas da narrativa “normal” das histórias literárias brasileiras. Na primeira parte, discutimos o comentário de Haroldo Campos à obra de Candido; na segunda parte, propomos outro modo de compreender o esquema tripartite – “manifestação”, “configuração” e “sistema consolidado” – do processo da *Formação*.

Poética e erótica da discórdia na teoria literária brasileira

Marcos Natali

Universidade de São Paulo (USP)

Voltando a algumas cenas de antagonismo na história do debate crítico brasileiro, o trabalho procura entender a importância nesses embates da disputa pela forma do confronto – seus limites, suas regras, seus objetivos, seu nome, seu sentido.

Interessa também um aspecto pedagógico que parece estar presente nessas encenações públicas da divergência, que são também demonstrações do modo como se deve, enfim, tocar o outro.

A questão da teoria/A teoria em questão (Diálogos com Luiz Costa Lima)

Nabil Araújo

Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)

Em texto intitulado “Luiz Costa Lima e a teoria do romance (Retorno à Poética)” (2020), analisamos criticamente a teorização do romance na obra do teórico brasileiro como parte de sua mais ampla teorização sobre a *mimesis* e o *controle do imaginário*. A resposta de Costa Lima surge dois anos mais tarde, com o título de “A questão da teoria” (2022). Nesta comunicação, elaboraremos uma réplica, com vistas menos à teorização do romance do que à chamada “questão da teoria”, algo que Costa Lima nomeia com vistas a um debate por ele protagonizado há quase meio século a propósito do lugar e da função da teoria da literatura nos estudos literários no Brasil.

Teoria, filosofia ou subprodutos? Uma indagação metateórica da obra de Luiz Costa Lima

Osvaldo Manuel Silvestre

Universidade de Coimbra (UC)

O traço que percorre toda a obra de Luiz Costa Lima é a insistência no trabalho da teoria e nos seus efeitos específicos sobre o entendimento do que seja literatura. Contudo, após o momento do “encaixe” perfeito da sua obra com a disciplina, no auge do estruturalismo, o método de Costa Lima passou por uma filiação cada vez mais profunda na tradição da filosofia, de Aristóteles a Kant ou a Blumemberg, encontrando aí alento para as

questões que endereça ao *corpus* literário com que trabalha em cada livro. Que tipo de teoria é, pois, esta e de que modo se relaciona ela ainda com a Teoria da Literatura? Ou, de outra forma, pode uma teoria tão dependente de uma alavanca filosófica ser mais do que um subproduto filosófico? O que nos diz esta situação, por fim, sobre o perfil epistemológico da Teoria da Literatura, quer a praticada por Costa Lima, quer a restante?

A importância da palavra do meio: Arte e Literatura no Brasil

Alva Martínez Teixeira

Universidade de Lisboa (UL)

Situando-se no espaço em que a criação literária se expande para o artístico, a comunicação pretende refletir sobre os desafios colocados por algumas propostas de autores brasileiros modernos e contemporâneos. A partir da análise de exempla paradigmáticos, será ponderada a necessidade de uma reflexão teórica que respeite a pluralidade e especificidade e evite a 'colonização' do plástico pela teoria literária ou da escrita pela teoria artística.

Quarta-feira, 7 de junho de 2023

Antonio Candido: uma teoria implícita do romance

Carlos Reis

Universidade de Coimbra (UC)

Em “Antonio Candido: uma teoria implícita do romance” procede-se a uma releitura de textos de ensaio, crítica, história e sociologia literária de Antonio Candido, para rastrear um conjunto de princípios que, ainda que de forma dispersa, esboçam uma teoria do romance, tal como o professor e ensaísta brasileiro entendeu esse grande género literário. Alguns dos textos em análise: os dois volumes de *Formação da Literatura Brasileira*, o ensaio contido no volume *A Personagem de Ficção e Ficção e Confissão* (sobre Graciliano Ramos).

A teoria literária no Brasil: Freyre, Brasília, Lula

André Corrêa de Sá

Universidade da Califórnia, Santa Barbara (UCSB)

Recorrendo aos exemplos de Gilberto Freyre, Brasília e Lula da Silva, esta comunicação procura extrair consequências da ideia de que o imperativo de redefinir constantemente os problemas nacionais tem assumido um papel preponderante na reflexão sobre as condições de eficácia da teoria da literatura na prática da academia brasileira.

Bonecas russas no Pará: a hermenêutica segundo Benedito Nunes

Ricardo Namora

Centro de Literatura Portuguesa (CLP)

A viagem filosófica de seis décadas de Benedito Nunes (1929-2011) possui, além de uma esmagadora profundidade, traços que a caracterizam e

singularizam de modo preciso. Desde logo, a sua profunda e profícua ligação à filosofia antiga e sua problemática relação com a poesia. Depois, o modo sinuoso como essa relação se transmutou em dialéticas epistemológicas e hermenêuticas que foram sendo refinadas pela filosofia moderna. E, por fim, a conexão moderna e a (transitória) resolução do enigma poético através da filosofia de Heidegger, transformado em companhia perene de um dos mais aclamados polímatas do século XX brasileiro. Pretende-se, com esta comunicação, dar conta deste trânsito permanente, e do modo como a filosofia e a hermenêutica, lidas por Benedito Nunes, são as grandes bonecas russas que, depois de abertas, levam à descoberta da boneca mais pequena, a mais maciça, eterna e indivisível: a poesia.

A teoria na prática

Joana Matos Frias

Universidade de Lisboa (UL)

Num artigo datado de 1975 e intitulado “Os professores contra a parede”, Ana Cristina Cesar, com 23 anos, quis posicionar-se na controvérsia “teoria x não teoria” então em cena, defendendo que “tomar partido no debate” não significava “embarcar para o inferno ou para o paraíso, mas numa canoa furada”, e que “o libelo contra a ‘teoria’” deveria ser considerado “como uma reação a uma forma de impor, à utilização de determinados termos e teorias em detrimento do aluno e da própria literatura”. Esta intervenção partirá desse depoimento da poeta, procurando reconstituir os elementos do diagnóstico – isto é: indagar o que terá provocado o furo na canoa, e em que medida seria ou não legítima a contraposição insanável entre “termos e teorias”, de um lado, e “aluno” e “literatura”, do outro (ou se, em rigor, “aluno” e “literatura” não serão também “termos e teorias”).

Lo sobrio y lo ebrio. Estructuralismo y surrealismo con José Guilherme Merquior

Pedro Serra

Universidade de Salamanca (USAL)

En una entrevista concedida a Didier Éribon el 4 de mayo de 1984, Claude Lévi-Strauss asiente en la posibilidad –lanzada por Rodney Needham– de vincular su obra al Surrealismo. Lévi-Strauss acaba de publicar los cursos impartidos en el *Collège de France* entre 1959 y 1962 bajo el título de *Paroles donnés* – sale con el sello de la casa ‘Plon’–, hecho editorial que es la razón que mueve la entrevista de Éribon en *Le Nouvel Observateur*, sugestivamente intitulada «Claude Lévi-Strauss: êtes-vous surréaliste?». Dos años después de la formulación de esta pregunta y testimonio, el libro *De Praga a Paris: crítica del pensamiento estructuralista y postestructuralista*, de José Guilherme Merquior, publicado originalmente en inglés (Verso, 1986), en lengua española hacia finales de la década (Fondo de Cultura Económica, 1989) y finalmente en portugués (Nova Fronteira, 1991), se planta de modo conspicuo en el debate de la crisis de las ‘ciencias sociales’ –tema del momento, por ella es también interpelado el autor de *Tristes Tropiques*– a partir de la ‘historia de las ideas’, enfocando la tríada Claude Lévi-Strauss/Roland Barthes/Jacques Derrida para hacer un «análisis crítico» de la deriva y pasaje de la «empresa estructuralista» –floración de París o francesa de los 60 que, no obstante, Merquior amarra a la Praga de los «teóricos esclavos» de los años 30– a la «aventura posestructuralista». Con, al encuentro y en contra del libro, la conferencia pretende recortar algunos de los términos principales de la posibilidad de establecer una *relación* entre ‘estructuralismo’ y ‘surrealismo’ en tanto modelos de pensamiento. Será concedida atención, asimismo, a la forma atribuida por Merquior a las revisiones críticas conjuradas en su libro de «otras figuras» fuera de aquella tríada extensamente ‘retratada’, como son Benveniste, Lacan, Mauss, Dumézil, Bataille, Blanchot, Klossowski o Levinas: «Son como si dijéramos instantáneas, y no verdaderos retratos, en mi álbum estructuralista» (‘Prefacio’, Londres, septiembre de 1985).

Tinha o livro no meio do caminho: a materialidade da teoria da literatura

João César de Castro Rocha

Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)

A institucionalização da disciplina Teoria da Literatura ocorreu num contexto marcado pela tentativa de afirmação das Humanidades no plano acadêmico após a fundação da Universidade de São Paulo, em 1934. A tarefa não era fácil, sobretudo em virtude da tradição forte do ensaísmo crítico e do pensamento social; tradição essa atuante desde o século XIX. A estratégia empregada pelos professores universitários implicou tanto a valorização da especialização do conhecimento quanto o privilégio de uma materialidade própria: o livro em oposição ao jornal. Tratarei dessa dupla estratégia assinalando sua potência e identificando seus limites.

Notas Biográficas

André Corrêa de Sá é Professor Associado no Departamento de Espanhol e Português da Universidade da Califórnia, Santa Bárbara, onde ensina literaturas luso-afro-brasileiras e literatura comparada. Autor de *Depressão e Psicoterapia em António Lobo Antunes: Qualquer coisa que me ajude a existir* (LeYa/Texto, 2019) e *Livros que respiram: pensamento ecológico e solidariedade nas literaturas em português* (Imprensa da Universidade de Coimbra, 2021), bem como coeditor de *Mike Tyson para Principiantes, antologia poética de Rui Costa* (Assírio & Alvim, 2017) e *Primeira Antologia de Micro-ficção Portuguesa* (Exodus, 2008).

Alva Martínez Teixeira é professora de Estudos Brasileiros da Universidade de Lisboa e Professora Estrangeira Associada do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, é investigadora integrada do CLEPUL, Diretora do Mestrado em Estudos Brasileiros (FLUL/ICS) e coeditora da revista *Navegações*. Especialista em literatura brasileira e nas relações interartes, doutorou-se com a tese 'europeia' *A obra literária de Hilda Hilst e a categoria do obsceno* (2010, Prémio 'Extraordinário'). É autora de livros monográficos sobre Raduan Nassar (*Maktub*, 2006), Vicente Risco (*A pretensa nostalgia da autoridade*, 2007, Prémio de Ensaio 'Ramón Piñeiro'), Hilda Hilst (*O herói incómodo*, 2009), Sophia Andresen (*Nenhum vestígio de impureza*, 2013), ou Lygia Fagundes Telles (*A linha de sombra de uma suspeita lição de zoologia*, 2014, Prémio Internacional de Monografias do 'Itamaraty'), tendo coorganizado a obra *Vicente e Dora Ferreira da Silva. Uma vocação poético-filosófica* (2015) e coeditado o volume *Machado de Assis e a 'mundana comédia'* (2017).

Carlos Reis é Professor Catedrático jubilado da Universidade de Coimbra. É autor de mais de trinta livros (último em data: *Dicionário de Estudos Narrativos*, 2018), publicados em Portugal, Espanha, Itália, Alemanha, França e Brasil. Ensinou, como professor visitante, em universidades de Espanha, dos Estados Unidos e do Brasil. Uma parte da sua

investigação foi consagrada a Eça de Queirós. No Centro de Literatura Portuguesa dirige dois projetos: "Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós" e "Figuras da Ficção"; no âmbito do segundo, coordena o Dicionário de Personagens da Ficção Portuguesa (<http://dp.uc.pt/>).

Fábio Akcelrud Durão é professor Livre-Docente do Departamento de Teoria Literária da Unicamp. Formou-se *magna cum laude* em Português/Inglês pela UFRJ, e obteve o mestrado em Teoria Literária pela UNICAMP. Seu doutorado foi feito na Duke University, onde estudou com Frank Lentricchia e Fredric Jameson. É autor de *Metodologia de pesquisa em literatura* (Parábola, 2020), *O que é crítica literária?* (Parábola/Nankin, 2016), *Essays Brazilian* (Global South Press, 2016), *Fragmentos Reunidos* (Nankin, 2015), *Modernism and Coherence* (Peter Lang, 2008) e *Teoria (literária) americana* (Autores Associados, 2011). Coeditou, entre outros, *Modernism Group Dynamics: The Politics and Poetics of Friendship* (Cambridge Scholars Publishing, 2008); e organizou *Culture Industry Today* (Cambridge Scholars Publishing, 2010). Publicou diversos artigos no Brasil e no exterior, em periódicos como *Critique*, *Cultural Critique*, *Luso-Brazilian Review*, *Parallax*, *The Brooklyn Rail* e *Wasafiri*. Seus interesses de pesquisa incluem a Escola de Frankfurt, o modernismo de língua inglesa e a teoria crítica brasileira. De 2014 a 2016 foi presidente da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), e, de 2016 a 2019, membro do Comitê de Assessoramento (CA) da área de Letras do CNPq.

Joana Matos Frias ensina na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde integra o corpo docente do Programa em Teoria da Literatura. É autora de ensaios sobre vários escritores da literatura brasileira moderna e contemporânea, de Machado de Assis a Marília Garcia, passando por Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Vinícius de Moraes, Adélia Prado ou Raduan Nassar. Foi responsável pela primeira edição da poesia de

Notas Biográficas

Ana Cristina Cesar em Portugal, com a antologia *Um Beijo que Tivesse um Blue*.

João Cezar de Castro Rocha é Professor Titular de Literatura Comparada na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Pesquisador 1D do CNPq e Cientista do Nosso Estado / FAPERJ. Autor de 14 livros e organizador de mais de 30 títulos. Seu trabalho já foi traduzido para o espanhol, mandarim, francês, italiano, alemão e inglês. No momento, é "Xiaoxiang Scholar/ Visiting Researcher" – Universidade Normal de Hunan / Humboldt Centre for Interdisciplinary Research (2021-2023).

Marcos Natali possui Doutorado em Literatura Comparada pela Universidade de Chicago e atualmente é professor titular de Teoria Literária e Literatura Comparada na Universidade de São Paulo. Foi professor visitante na UNAM e na UAM (México) e tem projeto de pesquisa em andamento sobre Afro-pessimismo e economia narrativa. Publicou os livros *A literatura em questão: Sobre a responsabilidade da instituição literária* (2020) e *A política da nostalgia: Um estudo das formas do passado* (2006), além do capítulo sobre a América Latina na *Cambridge History of Postcolonial Literature*. Com Marcos Siscar, organizou o volume *Margens da democracia: a literatura e a questão da diferença* (2015).

Matheus de Brito é Professor de Teoria da Literatura na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2022–). Conduziu investigação pós-doutoral na Universidade Estadual de Campinas, com projeto "O ethos do dissídio na lírica camoniana" (FAPESP, 2017–2020). Possui doutorado em Materialidades da Literatura pela Universidade de Coimbra (2017). É licenciado em Estudos Portugueses e Lusófonos pela Universidade de Coimbra (2011). Colabora com o Centro Interuniversitário de Estudos Camo-

nianos (Coimbra, 2011–) e com o Centro de Literatura Portuguesa (Universidade de Coimbra, 2011–).

Nabil Araújo é doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor de Teoria da Literatura na graduação e na pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Pesquisador visitante na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Pesquisador bolsista do Programa Jovem Cientista do Nosso Estado (JCNE-FAPERJ) e do Prociência (UERJ). Líder do grupo de pesquisa interinstitucional "Retorno à Poética" (CNPq). Editor Associado de *Matraga* – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ (PPGL-UERJ). Membro do conselho editorial da Editora da UERJ (EdUERJ). Coordenador do conselho editorial da "Coleção Letras UERJ" (EdUERJ). Coordenador da área de Estudos da Literatura do PPGL-UERJ. É autor de *Além do paradigma (Sobre o legado de Thomas Kuhn)* (EdUERJ, 2022), *Teoria da Literatura e História da Crítica: momentos decisivos* (EdUERJ, 2020) e *O evento comparatista: da morte da literatura comparada ao nascimento da crítica* (EdUEL, 2019).

Oswaldo Manuel Silvestre é professor de Teoria da Literatura, Literatura Brasileira e Cinema na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. É coordenador do Instituto de Estudos Brasileiros e dirige neste momento o Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas. É responsável científico pelo espólio de Carlos de Oliveira no Museu do Neo-Realismo e prefaciou a reedição do romance *Alcateia*, em 2021. O seu último livro publicado foi o volume, que coorganizou com Rita Patrício, *Conferências do Cinquentenário da Teoria da Literatura de Vítor Aguiar e Silva*, Braga, UMinho Editora, 2020. Organizou, com Pedro Serra, o dossiê temático do número 209, de janeiro de 2022, da revista *Colóquio/Letras*, com o título "A Voz na Literatura".

Notas Biográficas

Pedro Serra é Professor Catedrático de literaturas portuguesa e brasileira na Universidade de Salamanca, onde coordena o Grupo de Investigação Reconhecido (GIR) em «Estudos Portugueses e Brasileiros» e o «Colaboratório Europeu de Estudos Brasileiros» (COLEEB). Investigador do GIR em «Hermenêutica e Literatura Comparada» da Universidade Autónoma de Madrid. Docente do programa de doutoramento em «Materialidades da Literatura» e membro do Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra. Membro do CRIMIC, da Sorbonne Université. Responsável pela Cátedra de Estudos Portugueses Instituto Camões/Universidade de Salamanca e pela Cátedra de Estudos Galegos Xunta de Galicia/Universidade de Salamanca. Na instituição salmantina, coordena a Graduação em Estudos Portugueses e Brasileiros e é director do Mestrado em Estudos de Ásia Oriental (MELYCA).

Ricardo Namora é doutorado em Teoria da Literatura pela Universidade de Lisboa e membro do Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra. É autor de *40 Anos de Teoria da Literatura em Portugal* (2011); *Teoria da Literatura e Interpretação: o Século XX em Três Argumentos* (2014); *Before the Trenches: a Mapping of Problems in Literary Interpretation* (2017); e *Uma Coisa Chamada Hermenêutica* (2018).
